

CARLA FERREIRA DE PAULA GEBARA
IRACEMA ABRANCHES
LUCIANA XAVIER SENRA
LELIO MOURA LOURENÇO
ORGANIZADORES

PROCESSOS PSICOSSOCIAIS E INTERDISCIPLINARES EM SAÚDE

NEVAS
Núcleo de Estudos em Saúde e Ambiente Social


DIALÉTICA
EDITORA

CARLA FERREIRA DE PAULA GEBARA
IRACEMA ABRANCHES
LUCIANA XAVIER SENRA
LELIO MOURA LOURENÇO
ORGANIZADORES

PROCESSOS PSICOSSOCIAIS E INTERDISCIPLINARES EM SAÚDE

NEVAS
Núcleo de Estudos em Saúde e Ambiente Social


DIALÉTICA
FOCORA



CONSELHO EDITORIAL



Alexandre G. M. F. de Moraes Bahia
André Luís Vieira Elói
Antonino Manuel de Almeida Pereira
António Miguel Simões Caceiro
Bruno Camilloto Arantes
Bruno de Almeida Oliveira
Bruno Valverde Chahaira
Catarina Raposo Dias Carneiro
Christiane Costa Assis
Cíntia Borges Ferreira Leal
Eduardo Siqueira Costa Neto
Elias Rocha Gonçalves
Evandro Marcelo dos Santos
Everaldo dos Santos Mendes
Fabiani Gai Frantz
Flávia Siqueira Cambraia
Frederico Menezes Breyner
Frederico Perini Muniz
Giuliano Carlo Rainatto
Helena Maria Ferreira
Izabel Rigo Portocarrero
Jamil Alexandre Ayach Anache
Jean George Farias do Nascimento
Jorge Douglas Price
José Carlos Trinca Zanetti
Jose Luiz Quadros de Magalhaes
Josiel de Alencar Guedes
Juvencio Borges Silva
Konradin Metze
Laura Dutra de Abreu
Leonardo Avelar Guimarães
Lidiane Mauricio dos Reis
Ligja Barroso Fabri

Lívia Malacarne Pinheiro Rosalem
Luciana Molina Queiroz
Luiz Carlos de Souza Auricchio
Marcelo Campos Galuppo
Marco Aurélio Nascimento Amado
Marcos André Moura Dias
Marcos Antonio Tedeschi
Marcos Pereira dos Santos
Marcos Vinício Chein Feres
Maria Walkiria de Faro C Guedes Cabral
Marilene Gomes Durães
Mateus de Moura Ferreira
Milena de Cássia Rocha
Mortimer N. S. Sellers
Nígela Rodrigues Carvalho
Paula Ferreira Franco
Pilar Coutinho
Rafael Alem Mello Ferreira
Rafael Vieira Figueiredo Sapucaia
Rayane Araújo
Regilson Maciel Borges
Régis Willyan da Silva Andrade
Renata Furtado de Barros
Renildo Rossi Junior
Rita de Cássia Padula Alves Vieira
Robson Jorge de Araújo
Rogério Luiz Nery da Silva
Romeu Paulo Martins Silva
Ronaldo de Oliveira Batista
Sylvana Lima Teixeira
Vanessa Pelerigo
Vitor Amaral Medrado
Wagner de Jesus Pinto

CARLA FERREIRA DE PAULA GEBARA
IRACEMA ABRANCHES
LUCIANA XAVIER SENRA
LELIO MOURA LOURENÇO
ORGANIZADORES

PROCESSOS PSICOSSOCIAIS E INTERDISCIPLINARES EM SAÚDE

NEVAS
Núcleo de Estudos em Saúde e Ambiente


DIALÉTICA
EDITORA



Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora.

Copyright © 2023 by Editora Dialética Ltda.
Copyright © 2023 by Carla Ferreira de Paula Gebara,
Iracema Abranches, Luciana Xavier Senra,
Lelio Moura Lourenço (Orgs.)



DIALÉTICA
EDITORA

 /editoradialetica

 @editoradialetica

www.editoradialetica.com

EQUIPE EDITORIAL

Editores

Profa. Dra. Milena de Cássia de Rocha
Prof. Dr. Rafael Alem Mello Ferreira
Prof. Dr. Tiago Aroeira
Prof. Dr. Vitor Amaral Medrado

Designer Responsável

Daniela Malacco

Produtora Editorial

Kariny Martins

Controle de Qualidade

Marina Itano

Capa

Mariana Silva de Oliveira

Diagramação

Mariana Silva de Oliveira

Preparação de Texto

Nathália Sôster

Revisão

Responsabilidade do autor

Assistentes Editoriais

Jean Farias
Larissa Teixeira
Ludmila Azevedo Pena
Thaynara Rezende

Estagiários

Diego Sales
Laís Silva Cordeiro
Maria Cristiny Ruiz



Conversão para ePub: Cumbuca Studio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P963p Processos psicossociais e interdisciplinares em saúde / organização
Carla Ferreira de Paula Gebara, Iracema Abranches, Luciana Xavier
Senra, Lelio Moura Lourenço. – São Paulo : Editora Dialética, 2023.
E-book: 1 MB. ; EPUB.

Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-252-7551-2

1. Processos psicossociais. 2. Saúde mental. 3. Psicologia.
I. Organizadores. II. Título.

CDD-150

Ficha catalográfica elaborada por Mariana Brandão Silva CRB -1/3150

Agradecemos às agências de fomento às pesquisas científicas relatadas nessa coletânea: CAPES, CNPq e demais agências estaduais pelo financiamento de projetos e/ou de bolsas de iniciação científica, mestrado e doutorado dos autores e coautores.

SUMÁRIO

Capa

Folha de Rosto

Créditos

PARTE 1 - PESQUISAS EM PSICOLOGIA CLÍNICA E SAÚDE MENTAL

CAPÍTULO – 1 ANSIEDADE SOCIAL, HABILIDADES SOCIAIS E INTERAÇÕES ONLINE: UM ESTUDO COM UNIVERSITÁRIOS DOS CURSOS DE CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO E DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Carolina Pereira Dittz

Lelio Moura Lourenço

Marcel de Toledo Vieira

CAPÍTULO – 2 TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO DE UM TRATAMENTO ONLINE PARA ANSIEDADE SOCIAL PARA O

PORTUGUÊS DO BRASIL

Carolina Pereira Dittz

Lelio Moura Lourenço

Luciamara das Chagas Coelho

Letícia Santiago Swerts

Rodrigo da Cunha Teixeira Lopes

CAPÍTULO – 3 ANÁLISE DOS COMPORTAMENTOS DE SEGURANÇA EM ANSIOSOS SOCIAIS SUBMETIDOS À TERAPIA COGNITIVO COMPORTAMENTAL DE GRUPO

Thársia Girardi Carpanez

Lelio Moura Lourenço

Marcel de Toledo Vieira

CAPÍTULO – 4 SUPORTE FAMILIAR COMO PREDITOR DE AUTOEFICÁCIA, AUTOESTIMA E PROTEÇÃO PARA ANSIEDADE DISFUNCIONAL EM UMA PEQUENA AMOSTRA DE ADOLESCENTES

Bárbara Velloso

Luciana Xavier Senra

CAPÍTULO – 5 MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO COM DEPRESSÃO CLÍNICA: PSICOEDUCAÇÃO E REGULAÇÃO EMOCIONAL COMO EVIDÊNCIAS DE TRATAMENTO

Luciana Xavier Senra

Monique Bernardes de Oliveira Ferreira

Lelio Moura Lourenço

PARTE 2 - PROCESSOS PSICOSSOCIAIS DA VIOLÊNCIA

CAPÍTULO – 6 VIOLÊNCIA NA ESCOLA: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O BULLYING E A PRÁTICA DE KARATE

Hugo Simões

Beatriz Oliveira Pereira

Abel Figueiredo

CAPÍTULO – 7 CYBERBULLYING NO ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO: UM ESTUDO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19

Thiago Virgílio da Silva Stroppa

Clara Effgen Ladeira

Lelio Moura Lourenço

CAPÍTULO - 8 VIOLÊNCIA ENTRE PARCEIROS ÍNTIMOS: A PERCEPÇÃO SOCIAL DE PROFISSIONAIS DE UMA REDE DE ATENDIMENTO

Júnia de Andrade Silveira

Carla Ferreira de Paula Gebara

Luciana Xavier Senra

Lelio Moura Lourenço

CAPÍTULO – 9 PERSPECTIVAS GEOGRÁFICAS DO CONTEXTO
TEÓRICO DA CRIMINALIDADE VIOLENTA E SEUS
CONDICIONANTES ESPACIAIS

Wagner Batella

PARTE 3 - ESTUDOS INTERDISCIPLINARES EM SAÚDE

CAPÍTULO – 10 ESTADO DA ARTE DA PRODUÇÃO NACIONAL
SOBRE CANNABIS/MACONHA NAS CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS APLICADAS NO BRASIL

Paulo Fraga

Daniela Rezende

Sofia Bernardes

Gabriel Martins

CAPÍTULO – 11 AS CONTRIBUIÇÕES DA TERAPIA COGNITIVO-
COMPORTAMENTAL NO TRATAMENTO DAS DISFUNÇÕES
SEXUAIS FEMININAS

Ludmila Moreira Bastos Rachid

Lelio Moura Lourenço

CAPÍTULO – 12 AGEISMO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA
COVID-19

Iracema Abranches

Lelio Moura Lourenço

CAPÍTULO – 13 SAÚDE MENTAL E A PANDEMIA DE COVID-19: UMA REVISÃO DAS INFORMAÇÕES DISPONÍVEIS NA MÍDIA ONLINE

Pollyanna Santos da Silveira

Bruna Ferreira dos Santos

Caroline Thebald dos Reis Gomes

Lorrainy Costa de Castro

Matheus Simões Azevedo

Natália São Tiago Vieira

Leonardo Fernandes Martins

CAPÍTULO – 14 REAÇÕES PSICOLÓGICAS AO LONGO DA PANDEMIA DA COVID-19 NA AMÉRICA LATINA

Juliana Almeida Da Silva

José Aparecido Da Silva

Rosemary Conceição dos Santos

CAPÍTULO - 15 DEPRESSÃO E ESTRESSE: CONSEQUÊNCIAS E DESAFIOS NA PROMOÇÃO DE SAÚDE MENTAL NO PÓS- COVID

Vivian Daniele de Lima

Letícia Rezende Fazza

Ana Vitória Amaral Barboza

Gabriela Barletta Machado

SOBRE OS ORGANIZADORES

SOBRE OS AUTORES

ÍNDICE

CAPÍTULO – 6 VIOLÊNCIA NA ESCOLA: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O BULLYING E A PRÁTICA DE KARATE

Hugo Simões

Beatriz Oliveira Pereira

Abel Figueiredo

Ser resiliente é ser capaz de, perante fenómenos de stress, adversidade, risco ou necessidade, obter resultados positivos, adaptados ou marcadamente significativos em determinados estágios de desenvolvimento. É uma ferramenta concetual baseada em modelos preditivos que suscita o desenvolvimento de um processo de autoproteção baseado na análise conjunta dos níveis de proteção e riscos associados. Crianças e/ou jovens com perfil de resiliência mais robusto estão associados a uma menor propensão para se envolverem em comportamentos agressivos ou serem intimidados. O karate, enquanto modalidade marcial de interpretação psicomotricial revela nos seus praticantes a possibilidade de desenvolver um conjunto de competências biopsicossociais transversais ao desenvolvimento infantojuvenil, entre as quais, processos autónomos de edificação de valores gerais como: robustez (mental e física), otimismo, competência, autoestima,

habilidades sociais e de realização pessoal. Como valores específicos da prática de karate emergem ainda a consciência moral e ética pelas ações tomadas e sentimento de pertença a um grupo que se rege por valores universais de humanidade, solidariedade e participação.

O presente trabalho reflete os principais resultados dos estudos realizados no âmbito da tese de doutoramento realizada pelo autor. Foram objetivos da supracitada tese efetuar uma revisão sistemática da literatura sobre artes marciais & desportos de combate e o *bullying* em idade escolar (1); identificar e caracterizar relações entre a prática de karate e as respostas psicossociais dos intervenientes no *bullying* (2), e descrever e analisar a distribuição das respostas de praticantes e não praticantes de karate face ao fenómeno de *bullying* associados aos seus comportamentos, zonas-alvo de vitimação e relações de amizade (3). Os estudos 2 e 3 foram baseados numa metodologia quantitativa positivista uma vez que foram explicados fenómenos observáveis através da recolha de dados a partir de questionários e utilizados métodos estatísticos ou computacionais para os investigar.

Foram utilizados os questionários em formato digital de autorrelato “*Bullying – Agressividade entre crianças e jovens no espaço escolar*” e “*Caracterização Socio-Marcial*” para comparar os dados obtidos entre praticantes e não praticantes de karate. Participaram nestes estudos 336 crianças, 79 karatecas (24%) e 257 não praticantes de karate (76%). A idade variou entre 10 e 15 anos ($M=12,4$; $dp=1,714$), sendo 53,0% do sexo masculino. A amostra foi de conveniência e a participação das crianças e jovens foi voluntária. A recolha de dados foi realizada na zona centro de Portugal, em centros de prática de karate e em escolas públicas do 2º e 3º ciclo do ensino básico.

Os resultados globais obtidos permitem-nos afirmar que a prática de karate, enquanto Arte Marcial & Desporto de Combate, promove alterações genericamente positivas no léxico biopsicossocial das crianças e adolescentes que as praticam. Os resultados sugerem ainda três condições

psicossociais que distinguem os praticantes dos não praticantes de karate no fenómeno de *bullying*: são mais resilientes no processo de vitimação, menos agressivos e mais proativos na ajuda à vítima. Quando analisado sob o ponto de vista comportamental e de principais zonas-alvo do processo de vitimação e agressão a prática de karate pode ter um efeito significativamente protetor nos comportamentos de vitimação física e tendencialmente protetor, nos comportamentos de vitimação relacional. Por último, as vítimas de ações de *bullying* reconhecem nos karatecas o potencial de minimização de novos episódios de agressão em contexto escolar, pelo que não deverá ser descurado o papel promotor de segurança adicional que os karatecas podem ter na vida psicossocial destes adolescentes, bem como um sentimento suplementar de proteção a agressões futuras.

INTRODUÇÃO: CONCEITO, NÍVEIS DE ENVOLVIMENTO E CONSEQUÊNCIAS

O *bullying*, enquanto subtipo de violência em idade escolar, apresenta desafios à escala global, quer pelos impactos negativos gerados quer pela necessidade imperiosa de os minimizar. Foi classificado pela Organização Mundial de Saúde como um problema grave para a saúde pública (OMS, 2012) e tem vindo a ser associado ao longo dos últimos anos de investigação científica ao risco de problemas de saúde, sociais, no comportamento dos adolescentes e à fraca proficiência escolar na infância e adolescência (Costa et al., 2013; Lereya et al., 2015; Pereira, 2008; Simões, 2022). É caracterizado por ações repetidas, durante um período prolongado no tempo e com uma clara intenção de magoar. A díade agressiva primária é composta pela vítima (criança-alvo) e pelo agressor (criança promotora da agressão) podendo este ser ajudado por terceiros com o mesmo perfil intencional (os ajudantes do agressor). Concomitantemente, pode surgir o agressor-vítima que é aquele que sustenta ambos os perfis e pode apresentar um comportamento mais

provocador, temperamental e agressivo (Rigby, 2003). O comportamento dessas vítimas (ou seja, ser provocativo, agressivo e retaliar) pode intensificar a sua vitimização (Sentse et al., 2013). A vitimização pode ter consequências graves e de longo prazo consequências para a saúde mental, especialmente para aqueles que são severamente intimidados e carecem de apoio social (Rigby, 2003). A intimidação ou agressividade entre pares, com intenção de magoar, transforma o bem-estar social, emocional e acadêmico de qualquer vítima. A constante insegurança e incerteza pode ter impactos profundos na saúde mental e emocional com manifestações crescentes de isolamento, irritação, ansiedade e depressão. Para além destas, outras consequências são comumente associadas à vítima de *bullying*. A exteriorização dos problemas emocionais gerados pelas ações agressivas ou intimidatórias consubstancia-se com frequência em perturbações somáticas, sendo as mais comuns a perturbação de sono, problemas gastrointestinais, dores de cabeça, enurese, palpitações, automutilação e dor crônica (Gini & Pozzoli, 2013; Kidger et al., 2015; Lie et al., 2019; Roza et al., 2021). As consequências a longo prazo de sofrer *bullying* estendem-se até a idade adulta e os efeitos podem ser mais graves do que outras formas de maus-tratos na infância (Rivara & Le Menestrel, 2016).

O fenômeno ocorre um pouco por todo mundo e tem vindo a ser analisado por referência ao género (Costa et al., 2013), à nacionalidade (Albdour & Krouse, 2014), às minorias étnicas (Gkouliama et al., 2021), à saúde mental (Armitage, 2021; Gkouliama et al., 2021), ao peso (Puhl & King, 2013), aos resultados escolares, às artes marciais (Simões et al., 2021), às necessidades educativas especiais (Liu et al., 2021), à indisciplina, ao suicídio (Kim & Leventhal, 2008), ao status económico, orientação sexual (Feijóo & Rodríguez-Fernández, 2021), religião (Schihalejev et al., 2020), língua, entre outros. Pode ser prevalente durante toda infância e juventude, presente em todos os ambientes durante o período escolar e pode apresentar níveis de intensidade leves, moderados ou severos (Smith et al., 1999).

Ser uma criança ou jovem que sofre *bullying* muda o comportamento e, pesquisas em neurociência sugerem que essa experiência também pode mudar o cérebro (Bradshaw et al., 2012). Por comparação aos adolescentes que não são alvos de intimidação ou agressão entre pares, as vítimas de *bullying* experimentam sintomas de mal-estar duas vezes e meia a mais, sintomas psicológicos e somáticos duas vezes a mais e problemas de saúde generalizados uma vez e meia a mais (Callaghan et al., 2019) e são mais propensos a serem rejeitados na escola (Salmivalli et al., 1996) o que pode afetar a sua capacidade de fazer e manter relações sociais positivas contribuindo assim para piores indicadores de saúde mental (Callaghan et al., 2019). O desenvolvimento socioemocional decorrente do processo de construção de uma rede segura de amizades pode ficar igualmente comprometido com consequências severas no seu desenvolvimento social, emocional, psicológico e relacional.

Crianças e adolescentes vítimas de *bullying* que experimentam múltiplas formas de vitimização são apelidadas de “poli-vítimas” ou de alvo de “poli-vitimização” (Costa et al., 2013; Finkelhor et al., 2007). A sua identificação não se baseia apenas nas frequências de vitimização, mas também na vitimização em diferentes contextos, agressores ou tipos de agressão (Finkelhor et al., 2007). As poli-vítimas estão mais propensas a padecer de perturbações psiquiátricas, de stress pós-traumático, usar álcool ou drogas ou ter problemas de delinquência juvenil ou de ordem criminal (Davis et al., 2018).

Os agressores assumem papel de relevo nesta díade agressiva por diversos fatores. Quer pela idade, tamanho físico, força física, estatuto no seio do grupo, conhecimento das fraquezas ou fragilidades da vítima ou pela procura de suporte por parte de outros colegas. Tudo são elementos individuais que o podem fazer sentir superior na relação de poder que estabelece com a vítima.

Sobre este perfil em particular, os estudos sugerem avaliações distintas. Enquanto uns sugerem que estes praticam *bullying* porque possuem algum tipo de desajuste psicopatológico e são motivados para estabelecer o seu status em uma rede afetiva entre pares (Olweus, 1993b) ou apresentam baixos níveis de habilidades sociais e poucos recursos e competências que o grupo de pares valoriza (Faris & Ennett, 2012), outros referem que, estes apresentam um poder considerável dentro de sua rede de pares e que os agressores de status elevado tendem a ser percebidos pelos pares como populares, socialmente qualificados e líderes (Peeters et al., 2010). Os agressores de status elevado podem usufruir de uma percepção alta ao nível das competências e/ou atributos que o grupo de pares valoriza como por exemplo ser considerado atraente ou ter desempenhos atléticos/escolares excelentes. Ou seja, os agressores empenham, com frequência, comportamentos agressivos de dupla intenção: elevar o seu status no seio do grupo e, com deste modo, isolar ainda mais a vítima remetendo-a tendencialmente para um cenário de inação e vulnerabilidade vital uma vez que não pode retribuir (Hawley et al., 2008). Com este propósito tornam-se mais populares com o tempo, mas também têm um risco maior de serem rejeitados e menos preferidos socialmente pese embora não haja evidências de que o género ou a idade sejam determinantes no processo de intimidação, denuncia ou tipo de intimidação (Wiertsema et al., 2022). Crianças ou adolescentes envolvidos em *bullying* como agressores, vítimas ou ambos estão significativamente mais propensos a idealizar ou tentar suicídio, em comparação com crianças que não estão envolvidas em *bullying* (Rivara & Le Menestrel, 2016).

Durante o desenrolar do fenómeno do *bullying* há toda uma maioria silenciosa que observa ações agressivas e nada faz e aqueles que tomam o partido da vítima, ajudando-a como podem. O *bullying* não é redutível a uma díade agressiva, mas sim, uma questão que pode envolver agressores e vítimas, numa ação dinâmica agregada na qual vários pares podem ter

responsabilidades distintas de forma ativa ou passiva. A defesa ativa é aquela que adota um comportamento pró-social de ajuda à vítima (direta ou orientada) enquanto a ação passiva está associada àqueles que observam a agressão e optam por nada fazer. Normalmente, o *bullying* ocorre em espaços públicos com colegas presentes e alguns estudos estimam que em 88% dos incidentes de *bullying* são testemunhas presentes (Callaghan et al., 2019) e que, para cada evento de *bullying* existem quatro testemunhas (O'Connell et al., 1999).

A forma como os observadores do fenómeno de *bullying* reagem às ações agressivas pode ter um impacto profundo na evolução do desenrolar das mesmas, pelo que, nos últimos anos tem sido incentivada a sua inclusão (e participação ativa) nas estratégias de intervenção em programas anti *bullying* em espaços escolares e com resultados positivos (Clarkson et al., 2016; Salmivalli et al., 2005).

Quando estudado o efeito da observação de ações de *bullying* entre pares, os observadores tendem a relatar sentimentos de insegurança que decorrerem do medo de retaliação, o que limita (com frequência) a iniciativa de pedir ajuda (Rigby & Slee, 1993). Prevê-se ainda que, testemunhar o fenómeno de *bullying* pode prever o agravamento significativo da saúde mental contribuindo para o surgimento de sintomas de sensibilidade interpessoal (por exemplo, sentimentos de ser ferido ou inferior), desamparo e potencial ideação suicida (Rivers et al., 2009).

TIPOS E FORMAS DE BULLYING

Estes comportamentos podem-se manifestar de uma forma direta ou indireta (Shetgiri, 2013), utilizados de forma repetida (semanas, meses ou anos) com a intenção de magoar terceiros que, por si só, não se conseguem defender (Olweus, 1993b; Pereira, 2008; Solberg & Olweus, 2003) e, apresentar formas distintas de atuação: física, sexual/homofóbica, exclusão, verbal, cyberbullying e ameaça (Costa et al., 2013).

No *bullying* de natureza física, a vítima é submetida e magoada fisicamente, sendo afetada a sua integridade física (Fernandes & Seixas, 2012). As ações de *bullying* físico podem manifestar-se sob a forma de abuso físico através do bater, dar pontapés, murros, empurrões, o roubo de bens pessoais ou da inutilização dos materiais escolares da vítima ou outros (Costa et al., 2013; Hinduja & Patchin, 2010; Pereira, 2008).

O *bullying* associado às questões sexuais e/ou homofóbicas tem nos últimos anos sido alvo de estudos mais direcionados para as suas especificidades. É geralmente definido como qualquer conduta indesejada – toques, comentários ou atos de coerção dirigidos à vítima sem o seu consentimento ou por causa do seu género (Costa et al., 2015; Costa et al., 2013; Simões, 2022).

É uma realidade pouco discutida no terreno, alvo de muitos estigmas e mal-entendidos e, apesar de haver um desejo inabalável por parte do adolescente em se iniciar neste novo mundo da sexualidade, o espaço para reflexão e esclarecimento é reduzido ou inexistente. Em casa, pelo constrangimento de lidar com um assunto muitas vezes considerado tabu. Na escola com os pares, pela dificuldade em se identificar com a orientação sexual comum entre os seus pares. No clube, pelo uso exacerbado de expressões verbais de chacota que predefinem precocemente o que é ou não aceitável “ser como Ser sexual” para ser aceite e não alvo de gozo. Na internet, pelos gostos e associações musicais muitas vezes colados a correntes de manifestação de sexualidades específicas. Trata-se, por isso, de uma realidade que por vezes incomoda, sendo por isso pouco discutida (Costa et al., 2015). Os comportamentos mais comuns contemplam gestos ordinários e ou piadas sexuais, insultos ou comentários de partes sexuais do corpo ou da orientação sexual, apalpar ou agarrar de modo sexual, divulgar imagens de carácter sexual, entre outros (Costa et al., 2015; Fernandes & Seixas, 2012; Simões, 2022)

Quando falamos em manipulação social de relações entre pares (Vitaro et al., 2006), agressão relacional ou agressão social estamos perante comportamentos agressivos ou intimidatórios que pretendem a exclusão da vítima de atividades, ações ou dinâmicas do grupo de pares. É predominantemente de ação indireta, com intenção sub-reptícia, encoberta pelos pares (agressores) e de convivência coletiva por parte da maioria dos observadores do fenómeno, pelo que se denomina também por agressão relacional (Shetgiri, 2013). As experiências de rejeição, ostracismo ou perda de pares é consistente com o sentimento de dor social, ou seja, compatível com a forma como as vítimas descrevem seus sentimentos sobre serem intimidadas (Vaillancourt et al., 2013).

A “ameaça” tem como objetivo primordial criar um ambiente emocional negativo, intimidatório e premonitório de uma ação agressiva tradicional ou digital. São as crianças mais novas os principais alvos destas ameaças, uma situação que tende a modificar-se positivamente com o aumento da idade (Carvalhosa et al., 2001).

A agressão entre pares de natureza verbal ocorre normalmente de forma direta e constituem-se como uns dos comportamentos mais frequentes associados ao *bullying* (Costa et al., 2013). Pode incluir comportamentos como assédio verbal ou intimidação na forma de ameaças, insultos, provocações maliciosas e uso de palavras para prejudicar as vítimas (Fernandes & Seixas, 2012; Hinduja & Patchin, 2010; Pereira, 2008). Na sua maioria, estudos nesta área consideram que o comportamento “Chamar nomes” é aquele que é identificado pelas vítimas como o mais frequente (Costa et al., 2013; Pereira, 2008; Simões, 2022), ou seja, utilização intencional e maliciosa de apelidos depreciativos.

O cyberbullying é quando ocorre uma agressão, ato ou comportamento que é realizado por meio eletrónico (mais frequentemente com o telemóvel) por um grupo (ou um indivíduo), repetidamente e ao longo do tempo

contra uma vítima que não pode se defender facilmente nos meio digital (Smith et al., 2008).

KARATE: ARTE MARCIAL E UM DESPORTO DE COMBATE (AM&DC)

O Karate é praticado em todo o mundo, por milhares de indivíduos de quase todas as idades e com intenções distintas. Pode ser praticando com disciplina de autodefesa ou como recurso biopsicossocial que permite alcançar o equilíbrio físico, mental, emocional, social e de prevenção para a saúde (Chang et al., 2018; Figueiredo, 1994). Enquanto arte marcial, apresenta um conjunto de sistemas que combinam os componentes físicos do combate com estratégia, filosofia, tradição ou outras características idiossincráticas distinguindo-se, deste modo, de ações puramente físicas ou de reação física. O karate, enquanto arte marcial, pode ser uma atividade de cariz multidimensional, a partir do qual, a sua prática regular e devidamente enquadrada pedagogicamente e institucionalmente, pode gerar fatores de proteção distintos consoante o público-alvo. É comumente aceite na comunidade científica que o seu treino e desenvolvimento em circunstâncias específicas (assentes em matrizes de estilo, perfil e motivação do treinador/*sensei*, perfil e motivação do praticante (manutenção, formação ou competição) pode ter impactos positivos em alguns comportamentos externalizantes, internalizantes ou de índole antissocial. É procurada pelas crianças e adolescentes como prática desportiva regular e está associada a diferentes tipos de motivação: diversão, prazer, melhoria de habilidades, aprendizagem, estar com amigos, sucesso, vitória e saúde (Simões, 2022).

Nos últimos anos, no âmbito das Ciências Sociais, estudos realizados na área do karate (ou das AM&D) têm enfatizado o foco na análise dos comportamentos externalizantes (e.g características de desafio, impulsividade, hiperatividade, oposição ou agressão), agressividade ou autoeficácia (Gubbels et al., 2016; Harwood et al., 2017; Palermo et al.,

2006). É comum pais ou encarregados de educação de crianças em risco de comportamentos internalizantes ou externalizantes incluírem o seu educando num ambiente estruturado de aprendizagem de karate (e.g. *dojo*) como suporte ao seu desenvolvimento biopsicossocial, medida considerada viável por alguns autores (Avelar-Rosa & Figueiredo, 2015; Twemlow et al., 2008). Ter amigos na adolescência é um preditor de adaptação ao meio adulto (Bagwell et al., 1998).

Quando analisados os estudos produzidos na década anterior ao presente trabalho de investigação (2008-2018) que analisam de forma individualizada o impacto que as AM&DC pode ter nas respostas a comportamentos agressivos ou intimidatórios, concluímos que, há ainda muito por investigar. O primeiro, denominado *The social-psychological outcomes of martial arts practise among youth: a review*, tinha como objetivo principal fornecer, em primeiro lugar, uma visão geral dos principais achados de estudos sobre os resultados psicossociais da prática das artes marciais. Após analisar os vinte e sete estudos que cumpriram com os critérios de inclusão, este trabalho concluiu que, embora houvesse uma quantidade considerável de pesquisas sobre resultados psicológicos da prática das artes marciais, até à data do estudo, ela não trouxe clareza na dualidade existente na relação com possíveis efeitos do envolvimento das artes marciais (Vertonghen & Theeboom, 2010).

O segundo, denominado *Martial arts participation and externalizing behavior in juveniles: a meta-analytic review*, analisou doze estudos envolvendo a participação de 5.949 crianças e adolescentes e tinha como objetivos principais examinar a relação entre a participação nas artes marciais e o comportamento externalizante em jovens, bem como observar os fatores com possível efeito moderador. Os resultados mostraram que não houve uma relação direta entre a participação nas artes marciais e o comportamento externalizante em jovens. Conclui ainda que, estes resultados globais podem subestimar o comportamento externalizante de

praticantes de artes marciais dada a dimensão dos estudos. Quando analisados somente periódicos com maior fator de impacto e estudos com maior intensidade de treino em artes marciais o comportamento é mais externalizante nos praticantes de artes marciais (Gubbels et al., 2016). O karate foi a AM menos associada ao comportamento externalizante embora, na opinião destes autores ainda não existam dados que permitam o justificar.

Por último, o *Reducing aggression with martial arts: a meta-analysis of child and youth studies*, propôs-se realizar uma revisão crítica sobre as artes marciais e as suas implicações psicológicas, nomeadamente na agressão, raiva e violência. A revisão incidiu a sua análise sobre doze estudos envolvendo 507 crianças e adolescentes. Os resultados apresentados sugerem que as artes marciais têm potencial para reduzir comportamentos externalizantes na juventude, embora sejam necessárias mais pesquisas para determinar os mecanismos de mudança e especificar os grupos populacionais mais relevantes para intervenções direcionadas (Harwood et al., 2017).

Já em 2021, estudo realizado em cinco países europeus distintos constatou que, a introdução de karate nas aulas de Educação Física pode melhorar o desempenho académico e reduzir os problemas de conduta em crianças de 7 a 8 anos (Pinto-Escalona et al., 2021), bem como, outros autores sugerem, Crianças ou adolescentes jovens, com problemas comportamentais, mostram uma resposta positiva ao trabalhar com artes marciais (Lafuente et al., 2021).

Os comportamentos agressivos e intimidatórios presentes na população envolvida no fenómeno de *bullying* carecem de análise e de reflexão sobre o impacto que as práticas de artes marciais podem ter no seu seio (Simões, 2021). Confirma-se que há uma lacuna investigacional nesta área e que há necessidade de apurar dados mais atualizados e específicos sobre o impacto que a prática de artes marciais tem no *bullying*.

O BULLYING, A ADOLESCÊNCIA E A AMIZADE

Apresenta-se como um fenômeno social complexo e com impactos severos na vida de todos seus intervenientes, em particular, durante o período da adolescência altura em que a relação entre pares é fortemente condicionada pelo desejo de pertença. É neste período do desenvolvimento humano que as brincadeiras mútuas da primeira infância são substituídas pelas atividades compartilhadas e com maior exposição social aos amigos em geral. As amizades são consideradas representações mais livres da construção social uma vez que não estão dependentes de relações “obrigatórias” presentes em contextos como as relações familiares, de trabalho ou de casal. Dão maior ênfase na negociação mútua dos termos e nas interações do relacionamento, menos vinculadas às normas sociais, expectativas e relações de poder hierárquicas do que as nossas relações familiares ou de casal (Graham, 2005).

As amizades são contextos de desenvolvimento específicos, proporcionando um cenário para que a socialização suceda. Estas, refletem relações diádicas especiais baseadas, essencialmente, em gosto e afeto mútuos, sendo que os amigos têm várias funções: contribuem para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo uns dos outros, bem como, para o seu ajuste e bem-estar, tanto a curto quanto a longo prazo (Bagwell, 2020).

A adolescência é um período de transição que caracteriza uma progressiva reorientação social centrada na qualidade do tempo que passam com os seus pares. Durante esta fase, as amizades podem vir a representar um grande significado na vida adulta, pelo que são um dos aspetos mais importantes na vida dos adolescentes. A natureza multidimensional das amizades na infância significa que, ao avaliar o significado das amizades para o desenvolvimento, os pesquisadores devem levar em consideração a participação das crianças nas amizades, incluindo a estabilidade e o número

de amigos, a qualidade de suas amizades; e as características das próprias crianças e de seus amigos (Bagwell, 2020).

AMOSTRA DO ESTUDO

Conforme apresentado na tabela 1, participaram neste estudo 336 crianças com idades compreendidas entre os 10 e os 15 anos ($M=12,4$; $dp=1,714$). A amostra foi de conveniência e a participação das crianças e jovens foi voluntária. A recolha de dados foi realizada na zona centro de Portugal Continental, em centros de prática de karate (*dojo*) e em escolas públicas do 2º e 3º ciclo do ensino básico. Todos os encarregados de educação deram o seu consentimento informado, por escrito, para realização deste estudo.

Tabela 1: Caracterização da amostra

Género	Praticantes de Karate		Total (n-%)
	Não (n-%)	Sim (n-%)	
Feminino	127	31	158
	49,4%	39,2%	47,0%
Masculino	130	48	178
	50,6%	60,8%	53,0%
Total	257	79	336
	100,0%	100,0%	100,0%

Instrumentos

Foram utilizados dois instrumentos recolha de dados. O questionário de “A agressividade entre crianças no espaço escolar 2º e 3º Ciclos”, adaptado de Olweus (1989) e validado para a população escolar portuguesa por Beatriz Oliveira e Ana Tomás (1994), revisto por Beatriz Pereira e Fernando Melim (2010) UM/IE e adaptado para o presente estudo em 2016. Este permitiu avaliar os níveis de *bullying*, sendo composto por questões fechadas e semiabertas, dividindo-se em quatro intenções de investigação com 12 questões de caracterização, dez itens de vitimização, dois itens de observação de agressão entre pares e cinco itens de agressão. O instrumento para recolha de dados sobre a prática marcial foi o questionário

sociodemográfico “Caracterização sócio marcial de crianças e jovens”. Foi criado na Universidade do Minho (Portugal) no âmbito da tese de doutoramento sobre o estudo do papel das artes marciais no fenómeno do *bullying*. A finalidade deste instrumento reside na necessidade de caracterizar a prática marcial dos seus praticantes, bem como, avaliar a percepção socioafetiva que a sua prática tem nos comportamentos de agressão e ou intimidação entre pares (praticantes e não praticantes de karate). O questionário subdivide-se em quatro áreas de autorrelato, a saber: caracterização sócio marcial; sentimento de proteção; agressão entre pares e caracterização geral quanto à prática efetiva (frequência de treino semanal, regularidade competitiva, tempo de treino e graduação atual). Este, sendo composto por dez questões fechadas, permitiu avaliar os níveis de prática de karate (5 itens) e a qualidade das interações entre pares. Depois de preenchidos, analisados e validados os dados dos questionários aplicados consideram-se válidos 336 instrumentos o que representa uma taxa de resposta de 96,3%.

Análise estatística

O tratamento de dados foi realizado usando o programa SPSS para Mac (versão 26) e consistiu no emprego de estatística descritiva (média, desvio padrão e distribuição de frequência), nomeadamente na análise bivariável da associação entre as variáveis comportamentais e categóricas por intermédio da utilização de teste de Qui-quadrado (de Pearson) para tabelas de contingência com recurso ao teste exato de Fisher sempre que as frequências esperadas foram inferiores a 5.

EFEITOS QUE PRÁTICA DE ARTES MARCIAIS & DESPORTOS DE COMBATE (AM&DC) TEM SOBRE O BULLYING, O GÉNERO E O AJUSTAMENTO PSICOSSOCIAL

Como mencionado anteriormente, o *bullying* é uma problemática enraizada no processo de crescimento individual e coletivo das crianças e jovens em idade escolar. Pode afetar severamente (e de forma decisiva) todos aqueles que de perto lidem com o fenómeno em particular ao nível do desempenho e interesse escolar, motivação para o isolamento, desenvolvimento de problemas psicossomáticos, promoção de comportamentos violentos, promoção de alterações alimentares ou inclusive o desencadear de consumo de álcool e drogas.

De acordo com os estudos analisados por Simões et al. (2021), as artes marciais possuem benefícios cognitivos, afetivos, sociais e comportamentais e há uma relação positiva entre a atividade física regular e desenvolvimento cerebral durante a infância. Ajuda ainda a criança a desenvolver adequadamente a coordenação motora, promove a formação de carácter, a autorregulação afetiva, o comportamento pró-social e a condição física dos seus praticantes (Renata et al., 2016). Ivanovic et al.(2015) sugerem ainda que há correlações lineares estatisticamente significativas entre a agressividade e dimensão da personalidade das crianças, bem como com os componentes emocionais do comportamento agressivo. No entanto, não é conclusiva a determinação efetiva dos efeitos que a prática de uma AM&DC tem nos seus praticantes ao nível dos comportamentos agressivos ou intimidatórios, uma vez que, não têm sido tidos em conta todos os fatores que os poderiam influenciar (Coalter, 2007; Vertonghen & Theeboom, 2010), tais como: perfis dos praticantes, contexto social, tipo de orientação e a qualidade estrutural das artes marciais (Vertonghen & Theeboom, 2013).

Quando analisados os trabalhos sob o ponto de vista de género, concluímos que, o comportamento agressivo entre os rapazes está mais relacionado com padrões de personalidade antissocial e que o comportamento agressivo entre as raparigas tende a ser mais dependente da situação, pelo que as meninas alternam mais facilmente entre papéis nos diferentes contextos (Baar & Wubbels, 2011; Olweus, 1993a).

A análise sob o ponto de vista competitivo (i.e. Desportos de Combate), revela que o nível de agressividade entre pares nas dinâmicas regulamentadas (quando existe) pode ter inúmeras razões e ser condicionado pela especificidade dos treinos, mas terá sempre como ponto de partida as qualificações e envolvimento psico emocional do treinador neste processo (Kuśnierz et al., 2014). O ambiente competitivo das AM&DC pode ser um bom meio para, com o decorrer do tempo de prática (competitiva), aumentar os níveis de agressividade e comportamento antissocial entre pares dos seus praticantes (Fabio & Towey, 2017). Ainda assim, alguns autores sugerem que são reportados níveis superiores de comportamentos pró sociais entre praticantes de AM&DC por referência a outros desportos. Esta evidência decorre da existência de códigos específicos de integração marcial, tais como disciplina, responsabilidade, respeito pelo mestre e pelo oponente, bem como, pelos diferentes tipos de orientação marcial promovidos pelos seus professores (Baar & Wubbels, 2011).

CARACTERIZAÇÃO E PREVALÊNCIA DO BULLYING ENTRE PRATICANTES E NÃO PRATICANTES DE KARATE

Para além da frequência e intensidade da ocorrência de comportamentos de *bullying*, instrumento de recolha de dados sobre o *bullying* permitiu também a caracterização dos dados recolhidos sobre a agressão ou vitimação e categorizá-los nos tipos de vitimação física, verbal, relacional/ameaça e de *cyberbullying*, bem como pela forma que o caracteriza (direta/indireta).

Os resultados encontrados neste estudo apontam para diferenças entre karatecas e não karatecas quanto ao fenómeno *bullying*. Estas são particularmente visíveis nos dados preliminares de análise da prevalência do *bullying*. Enquanto a prevalência dos episódios de *bullying* dos não praticantes de karate é 21,4% a dos karatecas é de 18,7%. Quando analisados de uma forma específica, os dados obtidos pelos karatecas situam-se nos

17,7% no processo de vitimização e 11,4% nos mecanismos de agressão. Nas dinâmicas de observação do fenómeno do *bullying* os karatecas apresentam também indicadores mais positivos que os não praticantes de karate em cerca de 7% do total das respostas obtidas.

Dos perfis analisados, a vítima foi o único perfil onde ocorreram diferenças estatisticamente significativas entre os karatecas e os não praticantes de karate, o que poderá sustentar a necessidade de desenvolver estudos relacionados com a processos internos de aquisição de competências sociais relacionada com a prática de karate. Quanto aos karatecas agressores, estes agredem menos e tem uma maior propensão para a não-agressão, mas de forma muito ligeira por comparação aos agressores não praticantes. A proatividade e consequente tomada de consciência da agressão observada não só tem potencial para reduzir o *bullying* como pode mesmo eliminá-lo (Saarento et al., 2014). O presente estudo sugere que a prática de karate pode ter um efeito empático positivo no comportamento pró-social dos observadores ativos do fenómeno do *bullying*, nomeadamente na mudança das suas percepções sobre o comportamento agressivo e o impacto que este tem no outro. Apesar de todos os observadores ativos apresentarem valores de proatividade favoráveis, quando analisados os valores dos karatecas constatamos que estes são ainda mais vincados. Esta diferença positiva nos índices de proatividade é especialmente evidente em situações em que a vítima apresenta sinais claros de sofrimento ou sangue. Ou seja, os dados sugerem que há uma predisposição natural e empática de ajudar aqueles que estão a ser vítimas de *bullying*, a qual, à luz dos dados deste trabalho, poderá ser ainda mais reforçada mediante a prática regular de karate.

No caso dos observadores passivos primários, das situações apresentadas, os dados recolhidos demonstram que estes só mudariam a sua intenção inicial de “não ajudar” se pudessem chamar alguém que pudesse socorrer (adulto formador, colega mais forte, amigo de confiança, entre

outros). Serão porventura, o grupo em que a prática de karate menor impacto terá, não devendo, no entanto, ser descurada a sua participação no processo de ativação dos mecanismos de defesa da(s) vítima(s) sempre que necessário. Por último, os resultados deste estudo sugerem ainda que, a circunstância de ser “amigo próximo” parece não ser um fator ativador por si só de ajuda à vítima.

QUALIDADE DAS RESPOSTAS PSICOSSOCIAIS PERANTE O BULLYING NA PERSPECTIVA DE CRIANÇAS OU ADOLESCENTES COM AMIGOS PRATICANTES DE KARATE

O estágio de desenvolvimento representativo da adolescência encontra-se situado entre os períodos da infância e da idade adulta e é neste período que o grupo de pares começa a emergir como pilar central da vida em comunidade e serve como modelo de progressiva reorientação social centrada na qualidade de tempo que passam entre pares (Steinberg & Morris, 2001). As brincadeiras mútuas da primeira infância são substituídas por atividades de maior exposição social (Bagwell & Schmidt, 2013) e a qualidade das amizades passa a ser um fator determinante no estabelecimento das relações interpessoais (Berndt, 2002). O alcance destas dinâmicas sociais depende da proximidade dos pares (mais ou menos íntimo) e mediante o *status* estabelecido no seio do grupo. Este *status* é um conceito social determinando no seio do grupo, está em permanente construção e representa múltiplas expressões de análise (Meuwese, Cillesen, & Güroğlu, 2016). Por norma, o comportamento entre pares passa a ser antissocial quando viola as normas sociais pré-estabelecidas no seio do grupo e prejudica os direitos dos outros (Peña & Graña, 2006). É nos relacionamentos de amizade interpessoais estabelecidos e não com estranhos aleatórios que ocorrem os comportamentos de *bullying* (Wei, Jonson-Reid, & Tsao, 2007), muitos deles de origem comportamental antissocial. Vários estudos em diferentes contextos, referem ainda que as

agressões entre pares ocorrem em padrões previsíveis e são mediadas por fatores de risco e de proteção (Martins, 2007). Outros, demonstraram que os adolescentes selecionam os amigos que são semelhantes a si mesmos em níveis de vitimização física, gênero e etnia (Kerr et al., 2012; Sentse et al., 2013). Sabemos hoje que, para além das características idiossincráticas da vítima, da capacidade desta em criar laços de amizade e dos níveis de vitimação que sofre, há uma inter-relação longitudinal entre todas estas dimensões, as quais dependem de diferentes processos e do tipo de vitimação (Sentse et al., 2013). Por último, de referir que adolescentes com baixos níveis de vitimização são mais propensos a evitar pares altamente vitimizados do que o contrário (Kerr et al., 2012) pelo que, a amizade também pode exacerbar a vitimização uma vez que as vítimas consideradas “não amigáveis” (aquelas que apresentam dificuldade em encontrar amigos uma vez que são frequentemente rejeitados por seus pares e pouco atraentes como amigos) podem representar uma ameaça para as redes sociais de seus amigos.

O karate, enquanto arte marcial, pode ser uma atividade de cariz multidimensional, a partir do qual, a sua prática regular e devidamente enquadrada pedagogicamente e institucionalmente, pode gerar fatores de proteção distintos consoante o público-alvo. No entanto, neste estudo, os dados apurados (Costa et al., 2013; Mishna et al., 2008) atividade extracurricular praticada pelos amigos dos inquiridos. De acordo com a opinião de vários autores, os comportamentos de *bullying* no início da escolaridade são principalmente físicos para o género masculino e eminentemente relacionais para o género feminino, haverá, por isso, uma tendência maior para valorizar mais a expressão marcial de uma prática desportiva predominantemente física junto dos adolescentes do género masculino do que do género feminino.

Relativamente ao processo de vitimação, os resultados apurados indicam que, na sua maioria, o amigo-karateca exerce junto das vítimas uma

influência socioafetiva positiva geradora de segurança e/ou proteção. O amigo-karateca é assim aquele que, decorrente da sua prática desportiva extracurricular, aparentemente, transporta consigo um conjunto de valores, competências e habilidades que podem ser percebidas como importantes no seio das suas amizades. A qualidade das amizades com praticantes de karate pode, deste modo, ser fator primordial de acesso ao desenvolvimento psicossocial das vítimas de *bullying*, estando em linha com os trabalhos de (Berndt, 2002). Concomitantemente, e complementando os trabalhos de (Rubin et al., 2004), a amizade gerada entre as vítimas de *bullying* e os praticantes de karate pode contribuir para promoção de um maior bem estar-psicológico junto das mesmas com consequências positivas para ambos, em situações de amizade recíproca.

A análise dos dados recolhidos junto dos adolescentes com perfil de agressores reflete, na sua perspectiva global, uma tendência inicial para não sentirem proteção ou segurança adicional por terem um amigo-karateca. Já os dados apurados relativos ao agressor-karateca sugerem-nos que, usufruindo da relação marcial que estabelece com o seu amigo-karateca, poderá potenciar ainda mais algumas das suas características agressivas presentes na literatura, tais como: autoconceito elevado nos domínios social, desportivo e físico (Seixas, 2006).

CONCLUSÕES

Deste trabalho emerge uma ideia comum de que a prática de AM&DC promove alterações genericamente positivas no léxico biopsicossocial das crianças e adolescentes que as praticam (Simões et al., 2021) e que o *bullying* continua a ser uma barreira generalizada ao bem-estar comum das crianças e adolescentes, com implicações profundas na relação entre pares em idade escolar.

O Karate, como modalidade intrínseca das Artes Marciais & Desportos de Combate está assente numa matriz axiológica de práticas de oposição em

que o corpo do outro é “objeto” e “objetivo” do jogo (Figueiredo, 1998). As suas propostas de aprendizagem propõem-se elevar, através de metodologias de treino enraizadas em princípios éticos, filosóficos, biopsicossociais e, mais recentemente, competitivos, eixos multidimensionais do exercício da sublimação do combate. Partindo desta premissa e com suporte dos dados obtidos no presente trabalho emerge a conclusão de que a prática de karate tem impactos positivos na forma como as crianças inquiridas relataram o fenómeno de *bullying*, isto porque constatamos que as prevalências de ocorrências nos quadros de vitimação e agressão são menores nos praticantes por oposição aos não praticantes. A análise, comparação e interpretação dos dados recolhidos sobre os comportamentos de *bullying* indica-nos que há, em vários domínios de análise, uma associação significativa entre a prática de karate e uma menor ocorrência destes no processo de vitimação. Esta evidência não só é visível ao nível da intensidade das ações agressivas como também no volume de ações comportamentais de *bullying* observadas. Isto é, os praticantes de karate não só são menos agredidos como esses comportamentos ocorrem com menor intensidade/gravidade.

Por último e apesar das relações de amizade estabelecidas entre os praticantes e não praticantes de karate se circunscreverem a pequenos grupos de referência (e.g. turma, amigos mais próximos), a maioria dos inquiridos vítimas revelam que sentem uma proteção adicional se tiverem, como amigo, um karateca. Este fator é significativamente relevante junto das vítimas não praticantes de karate, confirmando a aparente influência socioafetiva positiva geradora de segurança e/ou proteção que o “amigo-karateca” pode ter junto deste perfil de vitimização em particular.

É nossa intenção que, o presente trabalho de investigação possa ter contribuído para melhorar a compreensão dos impactos que o karate, enquanto arte marcial, pode ter perante fenómenos de *bullying* em idade escolar alertando para a qualidade das respostas psicossociais diferenciadas

entre karatecas e não karatecas. Bem como, alertar para o potencial diferencial positivo encontrado na relação entre os mecanismos de vitimação e agressão e os pressupostos teóricos, práticos e filosóficos que regem a prática marcial com consequências positivas na capacidade de adequação de comportamentos mais funcionais, adaptativos e duradouros.

Pesquisas adicionais são necessárias para examinar os mediadores de resultados de praticantes de karate que sofrem *bullying*. Também são necessárias evidências sobre como esses resultados variam ao longo do tempo para diferentes grupos de crianças e jovens e como os resultados da prática de karate e a dimensão emocional de autodeterminação se cruzam ao longo do tempo. Os resultados deste trabalho sugerem que os esforços de prevenção podem ser mais bem-sucedidos na prevenção da agressão se começarem no início da adolescência, abordarem ambas as formas de agressão (em contextos tradicionais e online) e promoverem uma abordagem multinível em toda a ecologia social (Leemis et al., 2019).

Em conclusão, e apesar da falta de informação relativamente à multidimensionalidade subjacente à prática de karate, é possível afirmar que a sua prática tem potencial para capacitar os intervenientes do fenómeno de *bullying* de ferramentas psicossociais facilitadoras de respostas mais proativas, integradas e adequadas. Esta conclusão aponta com especial incidência para as vítimas, pois enfatiza uma maior confiança por parte desta na relação com os comportamentos agressivos ou intimidatórios que lhe são dirigidos. É, portanto, uma área passível de intervenção multimodal no domínio cognitivo-comportamental. A manifesta associação positiva entre a prática de karate e os fenómenos de *bullying* serve de alerta para a sua possível inclusão no currículo escolar como estratégia complementar e democratizadora de regulação dos comportamentos agressivos ou intimidatórios (Avelar-Rosa & Figueiredo, 2015; Pinto-Escalona et al., 2021; Simões et al., 2021)

REFERÊNCIAS

- Albdour, M., & Krouse, H. J. (2014). Bullying and victimization among African American adolescents: a literature review. *J Child Adolesc Psychiatr Nurs*, 27(2), 68-82. <https://doi.org/10.1111/jcap.12066>
- Armitage, R. (2021). Bullying in children: impact on child health. *BMJ Paediatr Open*, 5(1), e000939. <https://doi.org/10.1136/bmjpo-2020-000939>
- Avelar-Rosa, B., & Figueiredo, A. (2015). As Artes Marciais e Desportos de Combate na Educação Física Escolar – Interpretação Curricular. *Journal of Sport Pedagogy and Research*, 1(8), 14-21.
- Baar, P., & Wubbels, T. (2011). Machiavellianism in Children in Dutch Elementary Schools and Sports Clubs: Prevalence and Stability According to Context, Sport Type, and Gender. *The Sport Psychologist*, 25(4), 444-464. <https://doi.org/10.1123/tsp.25.4.444>
- Bagwell, C., Newcomb, A., & Bukowski, W. (1998). Preadolescent Friendship and Peer Rejection as Predictors of Adult Adjustment. *Child Development*, 69, 140-153. <https://doi.org/doi:10.2307/1132076>
- Bagwell, C. L. (2020). Friendship in Childhood. In *The Encyclopedia of Child and Adolescent Development* (pp. 1-14). <https://doi.org/https://doi.org/10.1002/9781119171492.wecad278>
- Berndt, T. (2002). Friendship Quality and Social Development. *Current Directions in Psychological Science*, 11, 1, 7–10. <https://doi.org/https://doi.org/10.1111/1467-8721.00157>
- Bradshaw, C. P., Goldweber, A., Fishbein, D., & Greenberg, M. T. (2012). Infusing developmental neuroscience into school-based preventive interventions: implications and future directions. *J Adolesc Health*, 51(2 Suppl), S41-47. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2012.04.020>

Callaghan, M., Kelly, C., & Molcho, M. (2019). Bullying and bystander behaviour and health outcomes among adolescents in Ireland. *J Epidemiol Community Health*, 73(5), 416-421. <https://doi.org/10.1136/jech-2018-211350>

Carvalhosa, S., Lima, L., & Matos, M. (2001). Bullying – A provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. 4, 523-537.

Chang, Y. C., Yeh, T. M., Pai, F. Y., & Huang, T. P. (2018). Sport Activity for Health!! The Effects of Karate Participants' Involvement, Perceived Value, and Leisure Benefits on Recommendation Intention. *Int J Environ Res Public Health*, 15(5). <https://doi.org/10.3390/ijerph15050953>

Clarkson, S., Axford, N., Berry, V., Edwards, R. T., Bjornstad, G., Wrigley, Z., . . . Hutchings, J. (2016). Effectiveness and micro-costing of the KiVa school-based bullying prevention programme in Wales: study protocol for a pragmatic definitive parallel group cluster randomised controlled trial. *BMC Public Health*, 16, 104. <https://doi.org/10.1186/s12889-016-2746-1>

Coalter, F. (2007). *A wider social role for sport: Who's keeping the score?* London: Routledge.

Costa, P., Pinto, J., Pereira, H., & Pereira, B. (2015). Bullying genérico e homofóbico no contexto escolar. 4, 145-155.

Davis, J. P., Dumas, T. M., Berey, B., Merrin, G. J., Tan, K., & Madden, D. R. (2018). Poly-victimization and trajectories of binge drinking from adolescence to young adulthood among serious juvenile offenders. *Drug Alcohol Depend*, 186, 29-35. <https://doi.org/10.1016/j.drugalcdep.2018.01.006>

Fabio, R., & Towey, G. (2017). Cognitive and personality factors in the regular practice of martial arts. *J Sports Med Phys Fitness*. <https://doi.org/10.23736/S0022-4707.17.07245-0>

- Faris, R., & Ennett, S. (2012). Adolescent Aggression: The Role of Peer Group Status Motives, Peer Aggression, and Group Characteristics. *Soc Networks*, 34(4), 371-378. <https://doi.org/10.1016/j.socnet.2010.06.003>
- Feijóo, S., & Rodríguez-Fernández, R. (2021). A Meta-Analytical Review of Gender-Based School Bullying in Spain. *Int J Environ Res Public Health*, 18(23). <https://doi.org/10.3390/ijerph182312687>
- Fernandes, L., & Seixas, S. (2012). Plano bullying: Como apagar o bullying da escola (1ª edição). Plátano editora, S.A.
- Figueiredo, A. (1994). A Formação de Treinadores - Uma Proposta Actual (Karaté). *ESEV - DCDM - Artigo em ata de evento científico nacional*.
- Figueiredo, A. (1998). Os Desportos de Combate nas Aulas de Educação Física. *XIV*.
- Finkelhor, D., Ormrod, R. K., & Turner, H. A. (2007). Poly-victimization: a neglected component in child victimization. *Child Abuse Negl*, 31(1), 7-26. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2006.06.008>
- Gini, G., & Pozzoli, T. (2013). Bullied children and psychosomatic problems: a meta-analysis. *Pediatrics*, 132(4), 720-729. <https://doi.org/10.1542/peds.2013-0614>
- Gkouliama, A., Samakouri, M., & Serdari, A. (2021). School bullying and minority identity as a menace to mental well-being of students in Greece. *BJPsych Int*, 18(3), 60-63. <https://doi.org/10.1192/bji.2020.51>
- Gubbels, J., van der Stouwe, T., Spruit, A., & Stams, G. J. J. M. (2016). Martial arts participation and externalizing behavior in juveniles: A meta-analytic review [Review Article]. *Aggression and Violent Behavior*, 28, 73-81. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2016.03.011>

Harwood, A., Lavidor, M., & Rassovsky, Y. (2017). Reducing aggression with martial arts: a meta-analysis of child and youth studies. *Aggression and Violent Behavior, v. 34*, 96-101.

<https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.avb.2017.03.001>

Hawley, P. H., Little, T. D., & Card, N. A. (2008). The myth of the alpha male: A new look at dominance-related beliefs and behaviors among adolescent males and females. *International Journal of Behavioral Development, 32*, 76-88. <https://doi.org/10.1177/0165025407084054>

Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2010). Bullying, cyberbullying, and suicide. *Arch Suicide Res, 14*(3), 206-221.

<https://doi.org/10.1080/13811118.2010.494133>

Ivanovic, M., Milosavljevic, S., & Ivanovic, U. (2015). Factorial structure of the relationship between aggressiveness and personality dimensions in junior karatekas. *FACTA UNIVERSITATIS: Physical Education and Sport, 13*, 371 - 381.

Kerr, M., Van Zalk, M., & Stattin, H. (2012). Psychopathic traits moderate peer influence on adolescent delinquency. *J Child Psychol Psychiatry, 53*(8), 826-835. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2011.02492.x>

Kidger, J., Heron, J., Leon, D. A., Tilling, K., Lewis, G., & Gunnell, D. (2015). Self-reported school experience as a predictor of self-harm during adolescence: a prospective cohort study in the South West of England (ALSPAC). *J Affect Disord, 173*, 163-169.

<https://doi.org/10.1016/j.jad.2014.11.003>

Kim, Y. S., & Leventhal, B. (2008). Bullying and suicide. A review. *Int J Adolesc Med Health, 20*(2), 133-154.

<https://doi.org/10.1515/ijamh.2008.20.2.133>

Kuśnierz, C., Cynarski, W., & Litwiniuk, A. (2014). Comparison of aggressiveness levels in combat sports and martial arts male athletes to non-practising peers. *Archives of Budo*, 10.

Lafuente, J. C., Zubiaur, M., & Gutiérrez-García, C. (2021). Effects of martial arts and combat sports training on anger and aggression: A systematic review. *Aggression and Violent Behavior*, 58, 101611.
<https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.avb.2021.101611>

Leemis, R. W., Espelage, D. L., Basile, K. C., Mercer Kollar, L. M., & Davis, J. P. (2019). Traditional and cyber bullying and sexual harassment: A longitudinal assessment of risk and protective factors [<https://doi.org/10.1002/ab.21808>]. *Aggressive Behavior*, 45(2), 181-192.
<https://doi.org/https://doi.org/10.1002/ab.21808>

Lie, S., Rø, Ø., & Bang, L. (2019). Is bullying and teasing associated with eating disorders? A systematic review and meta-analysis. *Int J Eat Disord*, 52(5), 497-514. <https://doi.org/10.1002/eat.23035>

Liu, T. L., Hsiao, R. C., Chou, W. J., & Yen, C. F. (2021). Social Anxiety in Victimization and Perpetration of Cyberbullying and Traditional Bullying in Adolescents with Autism Spectrum Disorder and Attention-Deficit/Hyperactivity Disorder. *Int J Environ Res Public Health*, 18(11).
<https://doi.org/10.3390/ijerph18115728>

Melim, F., & Pereira, B. (2010). O Bullying em função do género dos alunos: Um estudo piloto na Região Autónoma da Madeira - Portugal.

O'Connell, P., Pepler, D., & Craig, W. (1999). Peer involvement in bullying: insights and challenges for intervention. *J Adolesc*, 22(4), 437-452.
<https://doi.org/10.1006/jado.1999.0238>

Olweus, D. (1989). Prevalence and incidence in the study of anti-social behavior: Definitions and measurement. In K. M. W. (eds). (Ed.), *Cross-*

National Research in Self-Reported Crime and Delinquency. NATO ASI Series (Series D: Behavioural and Sciences). (Vol. 50).

https://doi.org/https://doi.org/10.1007/978-94-009-1001-0_9

Olweus, D. (1993a). *Bullying at school: What we know and what we can do.* Cambridge, MA: Blackwell Publishers.

Olweus, D. (1993b). *Bullying at school: What we know and what we can do.* Blackwell Publishing.

OMS. (2012). Organização Mundial da Saúde. Determinantes sociais da saúde e bem-estar entre os jovens. Estudo sobre comportamento de saúde em crianças em idade escolar (HBSC): relatório internacional da pesquisa 2009/2010. *Política de Saúde da Criança e do Adolescente*, 6.

Palermo, M., Di Luigi, M., Dal Forno, G., Dominici, C., Vicomandi, D., Sambucioni, A., . . . Pasqualetti, P. (2006). Externalizing and Oppositional Behaviors and Karate-do: The Way of Crime Prevention: A Pilot Study. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 50(6), 654-660. <https://doi.org/10.1177/0306624X06293522>

Peeters, M., Cillessen, A. H., & Scholte, R. H. (2010). Clueless or powerful? Identifying subtypes of bullies in adolescence. *J Youth Adolesc*, 39(9), 1041-1052. <https://doi.org/10.1007/s10964-009-9478-9>

Pereira, B. *Para uma escola sem violência. Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças (2ª ed ed.)*. Fundação Calouste Gulbenkian e Ministério da Ciência e Tecnologia (MTC).

Pereira, B. (2008). *Para uma escola sem violência. Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças (2ª ed ed.)*. Fundação Calouste Gulbenkian e Ministério da Ciência e Tecnologia (MTC).

Peña, E., & Graña, L. (2006). Agresión y conducta antisocial en la adolescencia: una integración conceptual. *Psicopatología Clínica Legal Y Forense*, 6, 9-23.

Pinto-Escalona, T., Gobbi, E., Valenzuela, P. L., Bennett, S. J., Aschieri, P., Martin-Loeches, M., Martinez-de-Quel, O. (2021). Effects of a school-based karate intervention on academic achievement, psychosocial functioning, and physical fitness: A multi-country cluster randomized controlled trial. *Journal of Sport and Health Science*.

<https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.jshs.2021.10.006>

Puhl, R. M., & King, K. M. (2013). Weight discrimination and bullying. *Best Pract Res Clin Endocrinol Metab*, 27(2), 117-127.

<https://doi.org/10.1016/j.beem.2012.12.002>

Renata, G., Przednowek, K., Bąk, R., & Marta, N. (2016). Effect of eastern martial arts on bringing up and behaviour of children and adolescents in the opinion of sensei and parents or caregivers. *Archives of Budo Science of Martial Arts and Extreme Sports*, 12.

Rigby, K. (2003). Consequences of Bullying in Schools. *The Canadian Journal of Psychiatry*, 48(9), 583-590.

<https://doi.org/10.1177/070674370304800904>

Rigby, K., & Slee, P. T. (1993). Dimensions of interpersonal relation among Australian children and implications for psychological well-being. *J Soc Psychol*, 133(1), 33-42. <https://doi.org/10.1080/00224545.1993.9712116>

Rivara, F., & Le Menestrel, S. (2016). Committee on the Biological and Psychosocial Effects of Peer Victimization: Lessons for Bullying Prevention; Board on Children, Youth, and Families; Committee on Law and Justice; Division of Behavioral and Social Sciences and Education; Health and

Medicine Division; National Academies of Sciences, Engineering, and Medicine. 4.

Rivers, I., Poteat, V. P., Noret, N., & Ashurst, N. (2009). Observing bullying at school: The mental health implications of witness status. *School Psychology Quarterly*, 24, 211-223. <https://doi.org/10.1037/a0018164>

Roza, T. H., Yano, V. A. N., Roza, S. A., Santo, J. B., & Cunha, J. M. D. (2021). Bullying Victimization and Friendship as Influences on Sleep Difficulty among Brazilian Adolescents. *J Genet Psychol*, 182(5), 348-360. <https://doi.org/10.1080/00221325.2021.1905597>

Rubin, K., Dwyer, K., Kim, A., Burgess, K., Booth-Laforce, C., & Rose-Krasnor, L. (2004). Attachment, Friendship, and Psychosocial Functioning in Early Adolescence. *The Journal of early adolescence*, 24, 326–356. <https://doi.org/https://doi.org/10.1177/0272431604268530>

Saarento, S., Boulton, A. J., & Salmivalli, C. (2014). Reducing bullying and victimization: student- and classroom-level mechanisms of change. *J Abnorm Child Psychol*, 43(1), 61-76. <https://doi.org/10.1007/s10802-013-9841-x>

Salmivalli, C., Kaukiainen, A., & Voeten, M. (2005). Anti-bullying intervention: implementation and outcome. *Br J Educ Psychol*, 75(Pt 3), 465-487. <https://doi.org/10.1348/000709905x26011>

Salmivalli, C., Lagerspetz, K., Björkqvist, K., Österman, K., & Kaukiainen, A. (1996). Bullying as a group process: Participant roles and their relations to social status within the group [[https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1098-2337\(1996\)22:1<1::AID-AB1>3.0.CO;2-T](https://doi.org/10.1002/(SICI)1098-2337(1996)22:1<1::AID-AB1>3.0.CO;2-T)]. *Aggressive Behavior*, 22(1), 1-15. [https://doi.org/https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1098-2337\(1996\)22:1<1::AID-AB1>3.0.CO;2-T](https://doi.org/https://doi.org/10.1002/(SICI)1098-2337(1996)22:1<1::AID-AB1>3.0.CO;2-T)

Schihalejev, O., Kuusisto, A., Vikdahl, L., & Kallioniemi, A. (2020). Religion and children's perceptions of bullying in multicultural schools in Estonia, Finland and Sweden. *Journal of Beliefs & Values*, 41(3), 371-384.

<https://doi.org/10.1080/13617672.2019.1686732>

Seixas, S. (2006). *Comportamentos de bullying entre pares bem estar e ajustamento escolar* Universidade de Coimbra]. Coimbra.

Sentse, M., Dijkstra, J. K., Salmivalli, C., & Cillessen, A. H. (2013). The dynamics of friendships and victimization in adolescence: a longitudinal social network perspective. *Aggress Behav*, 39(3), 229-238.

<https://doi.org/10.1002/ab.21469>

Shetgiri, R. (2013). Bullying and victimization among children. *Adv Pediatr*, 60(1), 33-51. <https://doi.org/10.1016/j.yapd.2013.04.004>

Simões, H. (2021). As Artes Marciais e os Desportos de Combate e o Bullying: uma revisão sistemática (Martial Arts and Combat Sports and the Bullying: a systematic review) (Las artes marciales y deportes de combate y el acoso escolar: una revisión sistemática). *Retos. Nuevas tendencias en Educación Física, Deporte y Recreación*(39).

Simões, H. (2022). *Bullying and school-age karate: peer impacts* Universidade do Minho]. Braga.

Simões, H., Santos, P., Pereira, B., & Figueiredo, A. (2021). Martial Arts and Combat Sports and the Bullying: a systematic review., 39, 834-843.

Smith, P. K., Mahdavi, J., Carvalho, M., Fisher, S., Russell, S., & Tippett, N. (2008). Cyberbullying: its nature and impact in secondary school pupils [<https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2007.01846.x>]. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 49(4), 376-385.

<https://doi.org/https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2007.01846.x>

Smith, P. K., Morita, Y., Junger-Tas, J., Olweus, D., Catalano, R. F., & Slee, P. (1999). *The nature of school bullying: A cross-national perspective*. Taylor & Frances/Routledge.

Solberg, M. E., & Olweus, D. (2003). Prevalence estimation of school bullying with the Olweus Bully/Victim Questionnaire [https://doi.org/10.1002/ab.10047]. *Aggressive Behavior*, 29(3), 239-268. https://doi.org/https://doi.org/10.1002/ab.10047

Steinberg, L., & Morris, A. (2001). *Adolescent development*. *Annual Review of Psychology*, 52, 83-110. https://doi.org/https://doi.org/10.1146/annurev.psych.52.1.83

Twemlow, S., Biggs, B., Nelson, T., Vernberg, E., Fonagy, P., & Twemlow, S. (2008). Effects of participation in a martial arts-based antibullying program in elementary schools. *Psychol. Schs.*, 45, 947-959.

Vaillancourt, T., Hymel, S., & McDougall, P. (2013). The Biological Underpinnings of Peer Victimization: Understanding Why and How the Effects of Bullying Can Last a Lifetime. *Theory Into Practice*, 52(4), 241-248. https://doi.org/10.1080/00405841.2013.829726

Vertonghen, J., & Theeboom, M. (2010). The Social-Psychological Outcomes of Martial Arts Practise Among Youth: A Review. *Journal of Sports Science & Medicine*, 9(4), 528-537.

Vertonghen, J., & Theeboom, M. (2013). How to obtain more insight into the true nature of outcomes of youth martial arts practice? *Journal of Children's Services*, 8(4), 244-253. https://doi.org/10.1108/jcs-03-2013-0006

Vitaro, F., Brendgen, M., & Barker, E. D. (2006). Subtypes of aggressive behaviors: A developmental perspective. *International Journal of Behavioral Development*, 30(1), 12-19. https://doi.org/10.1177/0165025406059968

Wiertsema, M., Vrijen, C., van der Ploeg, R., Sentse, M., & Kretschmer, T. (2022). Bullying perpetration and social status in the peer group: A meta-analysis. *J Adolesc.* <https://doi.org/10.1002/jad.12109>